

Roteiro de leitura da Introdução da Fenomenologia do Espírito

Introdução

§ 1

- Conhecimento como instrumento (Werkzeug) e meio (Medium);
- A cautela em não errar transforma-se em uma separação entre o Absoluto e o conhecimento;
- O conhecimento do modo de operar do instrumento como alternativa para apoderar-se do Absoluto,

§ 2

- Desconfiar da própria desconfiança na ciência;
- A desconfiança na ciência contém uma série de pressupostos: a) conhecimento como instrumento e meio; b) diferença entre nós mesmos e este conhecimento e c) o isolamento reinante entre Absoluto e o conhecimento;
- O receio do erro é, na verdade, receio da verdade.

§ 3

- O Absoluto somente é verdadeiro ou o verdadeiro somente é absoluto;
- A diferença obscura entre o verdadeiro absoluto e um outro verdadeiro e seus pressupostos não esclarecidos e criticados.

§ 4

- A pressuposição de um conhecimento interpretado como instrumento e meio, a desculpa da incapacidade da ciência para apoderar-se do Absoluto, tendo em vista livrar-se da fadiga da ciência, são, na verdade, representações e modos de falar inúteis, ou ainda, representações contingentes e arbitrarias;
- O uso de palavras tais como, Absoluto, conhecimento, objetivo, subjetivo, etc., associado a estas representações, palavras, no entanto, cujo significado justamente têm de ser esclarecido e não meramente pressuposto, este uso, pois, é, na verdade, uma fraude;
- As representações e modos de falar inúteis constituem uma manifestação vazia do saber;
 - Em razão destas deficiências, deve ser empreendida uma exposição do saber que se manifesta.

§ 5

- Esta exposição é caminho da consciência natural em direção ao saber verdadeiro; caminho da alma, mediante estações, em direção ao espírito; realização do conhecimento do que ela é em si mesma;

§ 6

- Para a consciência natural, seu caminho tem um significado negativo; caminho da dúvida e do desespero;
 - O ceticismo amadurecido; este é a dúvida lançada contra os assim chamados pensamentos, representações e opiniões naturais (não criticados e postos à prova) ainda atuantes na consciência natural;
 - A história detalhada da formação (Bildung) da consciência para a ciência.

§ 7

- A completude das formas da consciência não real;
- Diferença entre o pura nada (abstração do nada) e o nada determinado (negação determinada).

§ 8

- O telos e a série do caminho progressivo já estão fixados necessariamente ao saber;
- a consciência como ato de ultrapassar a si mesma.

§ 9

- A questão do método: a pressuposição de um critério para examinar a realidade do saber que se manifesta.

§ 10

- Distinção entre saber e verdade;

§ 11

- Parece que a verdade do saber, objeto da investigação, é um objeto para nós e não para a consciência natural.

§ 12

- A consciência e seu próprio critério; comparação da consciência consigo mesma;
- o critério: avaliar o saber mediante a verdade; conceito e objeto; ser para um outro e ser em si mesmo.

§ 13

- A própria consciência natural examina a verdade do saber, e, para nós, resta o puro ver;
 - consciência do objeto e consciência de si mesma;
 - A prova: correspondência entre saber e objeto;
 - A mudança no saber e no objeto;
- O exame consiste tanto no exame do saber quanto no do critério de verdade do saber.

§ 14

- A experiência;
- a ambigüidade do em si.

§ 15

- Conversão da consciência;

- a experiência da consciência natural tal como interpretada por ela mesma (lógica do para ela) e tal como interpretada por nós (lógica do para nós).

§ 16

- A necessidade do caminho para a ciência é, formalmente falando, ciência e, materialmente, ciência da experiência da consciência.

§ 17

- Figuras da consciência como momentos do todo;

- o saber absoluto: deposição da ilusão (Schein), a saber, a consciência está atrelada a algo alheio e outro para ela.